

# Vocações ao Ministério Ordenado da Igreja e à Vida Religiosa Consagrada luz da Nova Ratio\*

William Cesar Castilho Pereira\*\*

Alejandro Reinoso\*\*\*

## Resumo:

O objetivo deste texto é apresentar, em uma abordagem qualitativa, a configuração dos novos vocacionados ao Ministério Ordenado da Igreja (MOI) e à Vida Religiosa Consagrada (VRC) à luz da *Nova Ratio* do Magistério do Papa Francisco. Pretendemos, analisar quatro dimensões como sugere a *Ratio Fundamental*: intelectual, espiritual, pastoral e humano-afetiva. Não se faz aqui uma análise de gênero. As várias dimensões foram organizadas separadamente, visando contribuir, pedagogicamente, com uma leitura hermenêutica do artigo.

**Palavras chave:** Nova Ratio Fundamental - Comentários, Magistério do Papa Francisco, Formação Presbiteral.

\* *Ratio Fundamental* Institutionis Sacerdotalis – O Dom da Vocação Presbiteral. Congrega o para o Clero. L'Osservatore Romano – Cidade do Vaticano 8 de dezembro de 2016.

\*\* Psicólogo Clínico. Analista Institucional. Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Emérito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Assessor do Departamento de Voca es e Ministério do CELAM. Autor de livros e artigos. Correo electrónico: williamccastilho@uol.com.br

\*\*\* Psicólogo, Psicanalista. Acad mico Escuela de Psicología. Pontificia Universidad Católica de Chile. PHD Ciencias Sociales (Universidad Gregorienne – Rome). Correo electrónico: areinoso@uc.cl

---

□

# Vocaciones al Ministerio Ordenado en la Iglesia y a la Vida Religiosa Consagrada a la luz de la Nueva *Ratio*

## **Resumen:**

El objetivo de este texto es presentar, desde una perspectiva cualitativa, la configuración de las nuevas vocaciones al Ministerio Ordenado de la Iglesia (MOI) y a la Vida Religiosa Consagrada (VRC) a la luz de la nueva *Ratio* y del magisterio del Papa Francisco. El artículo pretende analizar las cuatro dimensiones como sugiere la *Ratio Fundamentalis*: intelectual, espiritual, pastoral y humano-afectiva. No se hace un análisis de género. Las dimensiones han sido organizadas separadamente, queriendo contribuir, pedagógicamente, con una lectura hermenéutica del texto.

**Palabras clave:** Nueva *Ratio Fundametalis* - Comentarios; Magisterio del Papa Francisco; Formación Presbiteral.



## 1. INTRODUÇÃO

**O**s dados qualitativos de que dispomos são fruto de pesquisas que há décadas realizamos, tanto no Brasil e o Chile, quanto em outros países da América Latina, obtidos em atividades como membros da equipe de profissionais da saúde do Departamento de Vocações e Ministérios do Conselho Episcopal Latino-americano e Caribe (CELAM), com sede em Bogotá.

As percepções e ponderações apresentadas neste texto não são de caráter universal sobre a Igreja ou a qualquer região. Cabe ao leitor reconhecer-se e identificar-se, deixando de lado o que não é compatível o seu contexto e realidade.

## 2. CONSIDERAÇÕES INDIGNADAS

*“Considerações indignadas sobre a formação religiosa”* é um artigo do Frei Clodovis Boff, editado pela revista *Convergência*, no Brasil, em 1999, com réplica, intitulada *“Comentário às Considerações”*, pelo saudoso e amigo Frei Prudente Nery<sup>1</sup>. São esses os textos com os quais desejamos dialogar, nas primeiras páginas desse artigo.

Já se passaram quase duas décadas desde quando lemos os dois textos, profundamente críticos, sobre a formação religiosa e a

---

<sup>1</sup> Recomendamos a leitura dos artigos dos dois religiosos na revista *Convergência*, Número 319. Ano XXXIV, Janeiro/fevereiro de 1999.



vocação, os votos e a missão, a espiritualidade, a dimensão humano-afetiva, a vida pastoral, a fidelidade e as desistências do ministério ordenado.

Precisamente, há 17 anos, o debate entre os dois religiosos causou profunda instabilidade, estranheza e desacertos entre formadores, formandos e no âmbito da alta hierarquia da Igreja. O mundo veio abaixo com a revelação de inúmeros “*não ditos*” na interpretação dos dois grandes teólogos. A pretensa superioridade e onipotência da Igreja sofreu tremendo golpe em sua imagem narcisista. De inspiração fortemente fixada no transcendente e negando o humano, a formação religiosa passa a conviver com graves sintomas antes negados e escondidos.

Hoje em dia, se lêssemos novamente os dois artigos, creio que não causariam tamanha estranheza. Por quê? Familiarizamo-nos com os sintomas? Banalizamos as condutas? Aprendemos a administrá-las? Compreendemos as suas origens? Reduzimos a distância entre o sagrado e o profano e nos tornamos mais humanos? Os sintomas dos seminaristas colocaram em xeque as instituições de formação da Igreja?

É claro, que, contemporaneamente, constatamos inúmeras explicações a respeito das mudanças societárias inseridas em nossos tecidos psíquicos, espirituais, pastorais e intelectuais. Entretanto, as “*indignações*” de Clodovis e as “*análises*” de Prudente continuam vivas entre nós. É sobre esse diálogo, como tela de fundo, que pretendo construir a minha reflexão, hermeneuticamente, com a *Ratio - O Dom da Vocação Presbiteral*.

### 3. SINTOMAS DOS ANOS 90

O teólogo Frei Clodovis Boff, na década de 90, traçou uma visão panorâmica dos dilemas da vida dos seminaristas em formação numa sociedade que apresentava sinais claros de mudança. Clodovis detectou uma série de sintomas que, resumidamente, tentaremos descrever.

O primeiro, diz respeito à questão da fidelidade aos votos: “fazer os votos solenes, e nada menos que um mês depois, jogar tudo pelo ar...” Observa-se profunda indiferença na relação entre formadores e formandos. Para o frade da Congregação dos Servos de Maria, a autoridade tornou-se humilhada: “fizeram figura de ‘palhaços’ ou ‘otários’.” São sujeitos sem gravidade e de extrema superficialidade de espírito, concluiu. Interroga ainda se a formação religiosa/eclesial não estaria produzindo sujeitos “vítimas da permissividade pedagógica”, ponderando que a permissividade excessiva pode produzir sujeitos dependentes e de caráter frágil.

O seguinte aspecto considerado por Clodovis foi o modo cínico de tratar o sentido do mistério ou do sagrado. Para ele, o estético e o emocional ganharam destaque sobre o transcendente. Os jovens preferem curtir a aparência e o visual registrando tudo em fotos e vídeos. Desbancaram a razão e a força do simbólico. Inauguraram a centralidade do virtual e do imaginário.

Outro bloco diagnosticado, refere-se à dimensão espiritual. *Espiritualidade é o exercício da fé e da relação com Deus*, disse ele. Sem oração o vocacionado esborraça contra o primeiro obstáculo, conclui o teólogo. O que se vê, preferencialmente, é a missão e o pragmatismo do trabalho pastoral absorvendo a oração pessoal. O ativismo tem sido a saída.

A última dimensão analisada é o valor dos votos, sobretudo, da castidade e do celibato. Clodovis constata que os jovens vocacionados e o novo clero apresentam-se com “total desembaraço ou desinibição ao se falar de sexualidade, mas se morre de vergonha de falar de modo conveniente do valor evangélico da castidade ou do celibato”. Reconhece que é uma dimensão muito profunda e delicada. Mexe na questão da solidão. Envolve fantasias, desejos e afetos. Nesse quesito, verifica-se que as inúmeras desistências à VRC ou ao MOI estariam relacionados a “procura de mulher” (*Cherchez la femme*), ou de homem (*cherchez l’homme*), para o caso da religiosa, concluiu o teólogo.

Frei Prudente, constatou que as considerações indignadas do colega Clodovis eram sérias e graves. E, exatamente por isso, exige



dele um debate crítico e prudente. Descrever os sintomas é a primeira atitude de alguém que deseja diagnosticá-los e compreendê-los. Mas, é necessário, depois, ir a fundo. Como um garimpeiro que, pacientemente, busca a pedra fundamental. Ler esses sintomas, hermeneuticamente já exigia uma nova epistemologia. Com outro olhar científico, Frei Prudente, sinaliza que tais sintomas derrubaram qualquer tentativa de encontrar a verdade. *Decifrá-los é a própria ventura e aventura de viver*. Frei Prudente, na réplica a Clodovis, enfatizou o componente de desconstrução como necessário a um movimento de novas construções de todo o sistema de saber, poder, de prazer e de oração. Ele nos convida a analisar os sintomas pela via da epistemologia da ciência emergente. Pois, a epistemologia da ciência exata não dá conta de compreender os inúmeros fenômenos apresentados pelo formador Clodovis.

Em primeiro lugar, registra que a própria dimensão espiritual é um estar perto e distante de Deus. *“A espiritualidade não é um teorema, reservada a alguns eleitos. Muitas vezes ela é constituída de raras palavras e largos silêncios”*, conclui Prudente. Ainda, o teólogo capuchinho, conclama a necessidade de uma oração encarnada no humano. *“Aos olhos de Jesus Cristo, só é de Deus a religião que for para os homens: alimento que fortalece a sua fragilidade, luz que ilumina o escuro de sua vida e uma senda que os leve a si mesmos e a Deus”*. Trata-se de uma *espiritualidade do confronto* a tomar o lugar da espiritualidade tradicional, marcada pela homogeneidade, de mesmice ou da *mass media*.

Outro aspecto sinalizado pelo Frei Prudente foi a dimensão da formação excessivamente centralizada na formalidade e na exterioridade das doutrinas e ritos sem qualquer implicação com a vida. Em seminários, tomado como instituição total: rígida, hierárquica, silenciosa e vigilante, com facilidade vive-se a dupla linguagem. Como nele há um discurso monolítico, toda divergência soa mal e até rebelde, comprometendo a vida no seu interior. A dupla linguagem e, conseqüentemente, a dupla mensagem, consiste na existência de um discurso sobre valores e comportamentos, de palavras para o interior da instituição que não coincidem com a realidade

do vivido cotidianamente. Essa situação intensifica distorções, desestabiliza emocionalmente os formandos e fomenta a cultura do silêncio da cumplicidade, da “delação premiada” ou do discurso encenado e artificial que os responsáveis pela formação querem ouvir. Tal situação prolonga-se por anos até que se saia do seminário e se alcance a “independência”. Aí o verdadeiro discurso se revela.

Há casos em que o sujeito não dá conta de ouvir as suas primitivas motivações e, diante delas, se dissolve loucamente. Todavia, muitos são os que iniciam o seu processo de maturidade conhecendo suas reais motivações e desejos. Espera-se que o processo formativo entenda a tensão entre as duas dimensões da vocação presbiteral: de um lado, ser “santo”; de outro, ser inteiramente “humano”. Relembra-se a ojeriza que Cristo tinha com os fariseus que funcionavam apenas com mecanismos de projeção para evitar as próprias dificuldades. Em tal caso, a vida psíquica do sujeito evita o desconforto da admissão consciente dos seus desejos, mantendo-se os sentimentos no inconsciente e projetando os seus desejos (“*demônios*”) no seu irmão.

Quanto aos votos de castidade ou do celibato, Frei Prudente, sinaliza a importância de ambos, porém, chama atenção do valor do sacramento do matrimônio. Ele inclusive dedica o seu artigo ao irmão, que foi religioso presbítero. É importante sinalizar que tanto celibatários como pessoas que vivem uma sexualidade genital ativa por meio do matrimônio, dentro da fé católica, são chamados a esse caminho sublime e de risco: o profetismo. O Concílio Vaticano II sinalizou muito bem que a vida religiosa não tem uma perfeição maior que a vida do matrimônio. O matrimônio, diz o Concílio, é lícito e legítimo. Defender que a opção pelo celibato é mais completa que outros estilos de vida não é ético e está na contramão da doutrina da Igreja. O celibatário sadio valoriza positivamente a sexualidade. Nesse contexto a *Ratio Fundamentalis*<sup>2</sup> do Papa Francisco salienta que:

<sup>2</sup> Op. cit., página 12. Número 12.



A vocação ao sacerdócio ministerial insere-se no âmbito mais amplo da vocação batismal cristã, mediante a qual o Povo de Deus, “estabelecido por Cristo como comunhão de vida, de caridade e de verdade, é também por Ele assumido como instrumento de redenção universal e enviado em toda parte como luz do mundo e sal da terra (cfr. Mt 5, 13 -16)”.

#### 4. SINTOMAS DOS TEMPOS ATUAIS

*O Dom da Vocação ao presbiterado*, conferido por Deus no coração de alguns homens, exige da Igreja propor-lhes um sério caminho de formação. Assim recordou o Papa Francisco<sup>3</sup>:

Trata-se de conservar e desenvolver as vocações para que produzam frutos maduros. Elas constituem um diamante bruto”, que deve ser trabalhado com habilidade, respeito pela consciência das pessoas e paciência, para que resplandeam no meio do povo de Deus”.

A vocação a Deus é processual, exige-se lapidar o diamante bruto. Não é algo que se dá de modo estático ou se tem permanentemente adquirido. Os religiosos e presbíteros são atingidos pelos desafios da cultura atual porque nela estão inseridos. Vive-se uma mudança de época que, além de alterar paradigmas científicos, questiona, prescinde ou interpela os valores das instituições. Trata-se de um tempo aberto de refundação permanente. O projeto de Jesus Cristo é exigente e utópico. Utopia é tudo que aposta no melhor do ser humano: a fraternidade, a justiça, a misericórdia e a ternura com os mais abandonados. Porém, as utopias foram questionadas. Essa metamorfose de um lado produz fragmentação nas pessoas e nas estruturas institucionais rígidas; por outro lado, clama por pessoas criativas e produtoras da diferença, da singularidade e de capacidade de ler e interpretar os “*sinais dos tempos*”.

<sup>3</sup> Op. cit., página 2. Número 1.



O documento da Ratio Fundamental<sup>4</sup> conhecedor desse tempo de mudanças subjetivas sugere ao formando a inspiração na Palavra através da:

“Oração silenciosa, que o coloca numa relação autêntica com Cristo, o seminarista torna-se dócil à ação do Espírito Santo, que progressivamente o plasma à imagem do Mestre. Nesta relação íntima com Senhor e na comunhão fraterna, os seminaristas serão acompanhados para que reconheçam e corrijam a “mundanidade espiritual”: a obsessão pela aparência, uma segurança doutrinal ou disciplinar presunçosa, o narcisismo e o autoritarismo, a pretensão de impor-se, o cuidado somente exterior e ostentado com a ação litúrgica, a vangloria, o individualismo, a incapacidade para escutar o outro, e todo o gênero de carreirismo.”

A crise atual é de orientação marcadamente cultural e estruturada pelo modelo neocapitalista de mercado, na qual as instituições – o Estado, a Igreja, a Família, a Educação e as Relações de Trabalho, que promoviam vínculos sólidos entre os sujeitos, grupos e a sociedade, perderam a força de orientar os ideais profundos dos cidadãos, dos fiéis, dos filhos, dos alunos, dos vocacionados e dos trabalhadores. Os vínculos afetivos duradouros foram substituídos, preferencialmente, pelos dispositivos midiáticos e de mercado, como excelentes produtores de subjetividades fluidas, hedonistas e com traços presentivistas.

Hoje em dia, levanta-se a hipótese de que nos encontramos em uma nova economia psíquica do *excesso*. Ela corresponderia à mutação cultural que consiste em nós nos supormos liberados de qualquer referência de limites. Assim, vivemos segundo a exigência do império do prazer. Esse prazer é realizável, graças à capacidade tecnológica contemporânea, de obtermos todos os objetos para nossos insaciáveis apetites. Desse modo, a forma representativa de nossa época é fazer-se devorar, consumir e destruir. Todos nos tornamos dependentes de objetos suscetíveis de saturar e satisfazer nosso gozo.

<sup>4</sup> Op. cit., página 23. Número 42.



Assim, ganha primazia tudo que é da ordem da imagem ou embalagem, e isso tem consequências sobre a organização psíquica. Não são mais o desejo e a lei que nos comandam, mas o objeto fetiche, o que provoca a ilusão que a vida é mais simples, visto que se supõe que há abundante oferta de objetos capazes de satisfazer apetites, sustentar instabilidades e a decorrente cultura do “descartável/provisório permanente”. Para o Papa Francisco<sup>5</sup> esta lógica do descartável é a mesma que “*‘corta o fio’ pelo ponto mais frágil, mais necessitado*”. Para inverter esta tendência que o mundo contemporâneo se impõe perante nós, o Papa propôs uma atitude cristã em três palavras que são semelhança de Jesus que toma o pão e alguns peixes, “*benziz, divide e entrega para serem partilhados*”. *Este é o “caminho do milagre. Por certo, não é magia nem idolatria. Por meio dessas três ações, Jesus consegue transformar a lógica do descartável numa lógica de comunhão, de comunidade,”* disse o Papa.

A fim de superar a angústia, o sentimento de vazio interior e de impotência, o ser humano escolhe um objeto no qual possa projetar todas as suas qualidades humanas: amor, inteligência, coragem etc. Ao submeter-se a esse objeto, ele se sente em contato com suas próprias “qualidades exacerbadas”. Sente-se forte, inteligente, corajoso e seguro. Perder o objeto significa o perigo de perder a si mesmo. Assim, oscilamos radicalmente de um funcionamento maníaco ao depressivo: da fogueira da euforia à fogueira do desencanto.

As utopias foram taxadas de totalitárias e fora de moda. Os movimentos sociais dos anos 60 e 70 que abordavam o feminismo, a juventude, a ecologia, a religião, as questões etárias, étnicas, as diferenças sexuais e os direitos humanos, dentre outros, foram gradativamente esvaziados e perversamente deslocados para os produtos de mercado. Ao emancipar-nos da utopia, colocamos lenha na fogueira do desencanto. A cratera do vazio ampliou-se. Só é possível re-significar esse vazio pela dimensão da amizade, da política, da estética, da filosofia, da ética e do engajamento religioso crítico. Um possível re-encantamento do desejo em direção aos projetos

<sup>5</sup> Papa Francisco: homilia na primeira missa à Bolívia, em 8 de julho de 2015.

religiosos, hoje, significa recuperar a grandeza mística direcionada pela profecia.

A opção presbiteral ou religiosa pode ser um *locus* da busca de sentido da existência para o ser humano que está sempre tentando ampliar o domínio simbólico sobre o real do corpo, da morte e da experiência de Deus. Essa busca de produção de sentido não é individual – seu alcance simbólico reside justamente no fato de ser coletiva, e seus efeitos podem ser alcançados na VRC ou no presbitério. É nessa busca comunitária que têm origem todos os atos de criação e invenção humanos. Os discursos de mercado se constituem em formas individualistas e em cadeias metafóricas muito pobres, estéreis, curtas, que vão do objeto ao sujeito (e não o contrário), e encerram-se quando promovem a ilusão de um pseudo encontro entre os dois, o puro Gozo, ou seja, um prazer fracassado.

No emaranhado dessa mudança de época, destacam-se algumas transformações entrelaçadas cujas consequências de análise são sempre necessárias; seja na extensão social, econômica, antropológica, espiritual, seja, na subjetividade de sujeitos e grupos humanos. Constatam-se alterações na maneira de lidar com o tempo e o espaço. São perceptíveis e até gritantes as metamorfoses no campo das comunicações. Há permutas na relação econômica, de mercado e do consumo. Transformam-se as relações de autoridade: líderes e liderados exigem novos pactos. Reinventam-se vínculos afetivos, escolhas sexuais. Alterações significativas se observam na intimidade privada e no trato com a coisa pública. Finalmente, constata-se profundas novidades no campo do sagrado, particularmente na Igreja Católica. De uma Igreja enclausurada na sacristia para uma *“Igreja ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e as comodidades de se agarrar às próprias seguranças”*, como diz o Papa Francisco. (EG 49).

Pretendemos redesenharmos, nas páginas que se seguem, essas alterações no âmbito de seminaristas, presbíteros e religiosos, em quatro campos, como sugere a *Ratio Fundamentalis*: campo intelectual, espiritual, pastoral e humano-afetivo.



#### 4.1. Aspectos acadêmico-intelectuais observados entre os padres e seminaristas<sup>6</sup>

Ao longo da pesquisa empreendida, entre os principais *pontos frágeis* encontrados, destacamos alguns que nos parecem sobremaneira importantes e que serão abordados a seguir.

É possível observar alguns padres que procuram sistematicamente aprimorarem-se intelectualmente. Outros consideram bastante a formação recebida no seminário. Ficam acomodados, culturalmente, a um tipo de conhecimento que, por vezes, é insuficiente para a complexidade das reflexões exigidas pelo contexto atual no sentido de acolher e vencer os desafios do sacerdócio.

É comum detectar no clero pessoas com significativa inibição intelectual decorrente de escolarização precária. São portadoras de baixa autoestima que tem origem tanto na infância como no período escolar em escola pública. Essa situação concorre para as muitas limitações, insegurança, submissão e baixo aproveitamento na formação inicial no seminário.

Quando se verificam informações sobre região de procedência, profissão e escolaridade dos pais, raça, situação socioeconômica, tais dados parecem indicar que a grande maioria dos padres e religiosos tem origem rural ou são oriundos de cidades pequenas e de áreas periféricas metropolitanas. Declaram-se negros ou pardos em maioria; são filhos de migrantes agricultores e de famílias marcadas pela transitoriedade, como povos indígenas e imigrantes de vários países em conflitos. Por esse motivo, podem apresentar certas características comuns: contínua peregrinação; subemprego; falta de ocupação estável e de moradia, com ações marcadas pelo imediatismo, do que decorre baixo nível de instrução e insegurança econômica. Nesse cenário se apresentam distúrbios psicológicos como o alcoolismo para os pais e “doença dos nervos” para as mães,

<sup>6</sup> Da página 06 até a 16, é uma réplica ou próxima da original, escrita pelo colega Alejandro Reinoso. Psicólogo, Psicanalista. PHD Ciencias Sociales (Universidad Gregoriene - Rome).

consequência da fragilidade do enraizamento cultural, da ruptura de laços de amizade, das tradições e códigos de valores próprios.

Pode-se constatar que a maioria dos pais trabalha em atividades rurais, como lavradores e pequenos agricultores. São seguidos, com uma grande diferença percentual, pelos comerciantes ou trabalhadores autônomos – profissão procurada por muitos daqueles que deixam o campo e não têm outra formação. Verifica-se que essas famílias trabalham em setores que exigem pouca ou nenhuma formação profissional. Algumas raras exceções são observadas pelo exercício do magistério ou de atividades que requerem formação técnica.

Em geral, é possível detectar no clero a falta de motivação para o estudo sistemático. Isso se apoia em três fatores: o primeiro, analisado anteriormente, o baixo capital cultural de origem das famílias; o segundo, como decorrência, a baixa autoestima introjetada de sua história de vida (classe social, econômica e racial); a terceira, após os anos 80-90, quando se instala uma certa crise da razão ou desvalorização das atividades de estudo e do saber acadêmico. Os tempos atuais são tempos difíceis para a reflexão. Busca-se o conhecimento apenas pela informação rápida, rasa e imediata da Internet e do virtual.

O saber adquirido apenas pelos meios cibernéticos pode apresentar problemas. É comum a ausência de autocrítica e a exacerbação onipotente do consumismo publicitário. Nesse âmbito, emergem atitudes intelectuais ridículas, superdimensionadas, que carecem de uma base de conhecimento real. Isso resulta na abordagem de questões temáticas, conceitos e matérias da vida social e humana, sem conhecimento de causa. Nesse ponto, com ou sem elementos narcisistas envolvidos, aprecia-se a falta de abertura ao saber e ao diálogo com outros padres que conhecem e compreendem questões de diversa natureza: teológicas, pastorais, sociais, históricas, intelectuais, psicológicas e políticas. São tênues os estímulos ao enriquecimento intelectual, e pouco o cultivo e desenvolvimento de formas de vida ativas e reflexivas. A ausência de aprofundamento intelectual abre espaço, como compensação, para a acomodação burguesa, de elevado consumo e competição, além



da manutenção de uma pastoral sacramentalista, clerical e de alta formalidade doutrinal.

Pesquisas têm apontado que vários seminaristas e novos sacerdotes têm ojeriza à formação continuada. Iniciam o ministério presbiteral com aversão aos estudos. Parece que a vida acadêmica nos institutos teológicos produziu um grave efeito colateral pedagógico: “*pensar, nunca mais!*”. Alguns professores não têm capacitação nem metodologia didática, isto é, lecionam por seus méritos espirituais ou do senso comum, mas carecem de mínima preparação pedagógica. Em casos específicos, o modelo formativo, inclusive, pode ainda conter a lógica de funcionamento pré-Vaticano II.

Observa-se intensa precariedade de recursos de linguagem, tanto falada, quanto escrita, o que requer providências que favoreçam melhor desempenho na comunicação das mensagens do Evangelho. De forma adicional, há dificuldades para incorporar a aprendizagem de outras línguas, além da língua nativa. Há um claro apelo da Ratio<sup>7</sup> sobre a questão linguística: “*É vivamente aconselhado o conhecimento de ao menos uma língua moderna...*”

A recomendação da Ratio<sup>8</sup> é, ainda mais, zelosa e contundente quanto a formação inicial e permanente:

“A formação intelectual destina-se a levar os seminaristas a atingirem uma sólida competência no âmbito filosófico e teológico, mas também uma preparação cultural de caráter geral, de tal maneira que lhes permita anunciar, de modo credível e compreensível aos homens de hoje, a mensagem evangélica, estabelecer um diálogo profícuo com o mundo contemporâneo, e sustentar, com o lume da razão, a verdade da fé, mostrando a sua beleza”.

Em relação aos *pontos fortes*, na dimensão acadêmica e intelectual, destacam-se:

<sup>7</sup> Op. cit., página 76. Número 183.

<sup>8</sup> Op. cit., página 52. Número 116.

O desejo de conhecimento de diversos temas e perspectivas, aliado ao interesse em manter-se atualizado nos diferentes campos do saber. Nesse sentido, muitos padres tornam-se bons pregadores e comunicadores da Palavra, respondendo às exigências da atualidade, no entendimento de que o mundo precisa ser conhecido em seus diversos aspectos e a partir de diferentes perspectivas.

Podemos afirmar que há um grande número de professores presbíteros e formadores que aderiram à formação continuada. Como consequência, é mais sólida, entre eles, a consciência da importância do saber, preparando-se para o acolhimento das dificuldades humanas em um contexto de superficialidade e intensas mudanças. A orientação da Ratio<sup>9</sup> é clara sobre a preparação intelectual permanente do presbítero:

“É importante que os fiéis possam encontrar sacerdotes adequadamente maduros e formados: de fato, a este dever ‘corresponde um preciso direito dos fiéis sobre os quais recaem positivamente os efeitos da boa formação e da santidade dos sacerdotes’. A formação permanente deve ser concreta, isto é, encarnada na realidade presbiteral, de maneira a que todos os presbíteros possam efetivamente assumi-la, atendendo a que o primeiro e principal responsável pela formação permanente é o próprio sacerdote”.

Têm sido ampliadas as possibilidades de realizar a formação permanente sobre várias questões, dependendo da região onde residem. Alguns temas são mais valorizados, tais como: bíblia, comunicação, bioética, *burnout*<sup>10</sup>, funcionamento do cérebro, euta-

<sup>9</sup> Op. cit., página 37. Número 82.

<sup>10</sup> Refere-se à síndrome assim denominada, que extrai as forças afetivas do sujeito e que produz enfraquecimento tanto pessoal como na realização do trabalho. Na sua origem, a palavra inglesa *Burnout* é resultado da união de *burn* (queima) e *out* (exterior), que caracteriza um sofrimento psíquico cumulativo como consequência do desgaste orgânico, especialmente nas relações afetivas interpessoais do trabalho, causado pelo esgotamento dos comportamentos “hétero ou auto-agressivos”. Tal síndrome é amplamente discutida em *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*, publicada pela Editora Vozes – Petrópolis – 7ª Edição. William Castilho Pereira, p. 36.



násia, direito canônico, abuso sexual e pedofilia, novas tecnologias, entre outros.

#### 4.2. O aspecto espiritual

O aspecto espiritual é o centro da formação sacerdotal e religiosa. Portanto, *os aspectos fortes e fracos* são fundamentais para a compreensão da formação inicial e permanente exigidas pelo ministério na atualidade:

Nesse âmbito os *pontos fracos* identificados são os que a seguir se discute.

Observa-se escassa presença ou ausência total de relação com um diretor ou acompanhante espiritual. Essa orfandade (desfiliação) traz implicações importantes para a vida espiritual dos padres e para a vida em geral. Em alguns casos, é o resultado de uma atitude defensiva que deseja evitar o confronto afetivo e espiritual com outra pessoa. Há uma enorme carência de confiança que se manifesta como forte sentimento de perseguição, do que decorre o medo de partilhar as experiências de vida. Em outros casos, a ausência do diretor espiritual deriva dos problemas com a figura paterna, não elaborados, que se traduzem na construção de uma vida carente de modelo paterno, que não diferencia a condição de filho em si mesmo, com toda a solidão e a limitada referência pessoal que isso implica.

Há uma crise do sagrado. O encontro ocasional e esporádico com diretores espirituais impede avaliar e identificar mais claramente o desenvolvimento dos *processos* espirituais e os *processos* de acompanhamento. A maioria dos padres experimenta uma espiritualidade mais intimista, de modo mais “livre”, solto, numa versão mais “light”, com forte carga emocional e independente da Igreja. Em alguns jovens presbíteros a busca por ídolos e a identificação com padres ícones midiáticos ou com modelos idealizados fortemente rígidos e dogmáticos provocam escolhas equivocadas e distorcidas, pois deixam os jovens na condição de adolescentes com identificações do tipo prótese, com caráter rígido externo e altamente fragilizado no interior de seu Eu.



Nesse sentido a Ratio<sup>11</sup>, sinaliza que:

“O centro da formação espiritual é a união pessoal com Cristo, que nasce e alimenta-se em modo particular na oração silenciosa e prolongada. Através da oração, da escuta da Palavra, da participação assídua nos sacramentos, na liturgia e na vida comunitária, o seminarista fortifica o próprio vínculo de união com Deus, à luz do exemplo de Cristo, o qual tinha como programa de vida fazer a vontade do Seu Pai (cf. Jo 4, 34). No percurso formativo, o ano litúrgico oferece a mistagogia pedagógica da Igreja, permitindo aprender a espiritualidade que lhe é própria através da interiorização dos textos bíblicos e das orações da liturgia”.

A pouca valorização do Kerygma, como experiência crescente e transformadora com Jesus, constitui um déficit problemático na vida espiritual. Neste aspecto, é legítima a pergunta pelo tipo de relação que se estabelece com Deus: trata-se de um vínculo afetivo maduro? Qual o lugar que ocupa no quotidiano do sacerdote? Quais as implicações na fundamentação da vida pastoral, familiar e social? No caso em que o relacionamento com Deus se encontra significativamente “diluído” a experiência de Deus, do tipo narcisista, revela a carência de um relacionamento mais maduro e profundo com Jesus de Nazaré.

Observa-se, entre aqueles que entram no seminário, intensa fragilidade nas motivações que os levam a se tornar padres, sendo necessário especificar o chamado de Jesus Cristo durante os primeiros anos. Às vezes se confunde a vocação com a conversão. São muitos os candidatos e seminaristas que não têm feito um verdadeiro processo de conversão. Muitos pararam nas primeiras motivações à vida presbiteral: experiências lúdicas na infância sobre Deus, modelos religiosos da mãe ou do pai, traços de identificação com o pároco, religiosidade popular, festas folclóricas e devocionais dos santos, pastoral juvenil, catequese, movimento carismático, no sentido de pertença a um grupo e na própria atividade paroquial.

<sup>11</sup> Op. cit., página 47. Número 102.



Nesse sentido, espera-se que o seminário não seja apenas uma experiência de discernimento da vocação, mas também um espaço para a conversão.

O espaço e o tempo compartilhados no seminário e no presbitério são uma oportunidade fundamental para reforçar perguntas sobre a vida espiritual tais como: qual foi a origem de sua fé? Como surgiu e se desenvolveu? Quais foram os momentos de distanciamento? A que estão associados? Do mesmo modo, outras questões espirituais podem ser aprofundadas: como experimentou a dimensão cristológica? Que lugar ocupa Cristo na sua vida? Nesse território espiritual, a leitura orante e a *Lectio Divina* podem ser fortalecidas e daí surgem o sentido da ascese e da disciplina interior, o fortalecimento do espírito e capacidade de resiliência frente as angustias e frustrações cotidianas<sup>12</sup>.

Em tal contexto, surge a preocupação pelo lugar que ocupa a santidade entre os sacerdotes: é um desejo? Está no horizonte da própria vida? Em alguns presbíteros não se entende nem se deduz esse desejo, o que é indicativo de dificuldades que podem existir na vida espiritual.

No que diz respeito aos meios e fórmulas que estão à frente na formação espiritual permanente, é possível detectar em alguns padres certo menosprezo por alguns meios tradicionais de formação e desenvolvimento da vida espiritual, como os exercícios espirituais e os retiros, dentre os mais importantes. Se a isso acrescentamos a falta ou a precariedade do exercício da oração provocada pelo excesso de trabalho de toda classe, podemos inquirir sobre os caminhos da vida espiritual dos sacerdotes. Eles se sentem cansados pelas atividades sem pausa próprias da vida cotidiana. Desse modo, são reforçadas as chances da geração de dicotomia e dissociação entre a fé e a própria vida. A baixa avaliação que tem o silêncio e a reflexão na sociedade favorecem o seu oposto: o barulho, o *glamour*, a celebridade, a estética sem ética, a vaidade e o vazio depressivo.

<sup>12</sup> Op. cit., página 49, número 106.

Há uma relação direta entre os aspectos psíquicos e espirituais da pessoa. A imaturidade afetiva coincide com a espiritualidade imatura. Em um padre, a referência a um “eu ideal” pode prevalecer sobre o mistério de Jesus na cruz e o mistério pascal, mesmo quando se fale sobre eles explicitamente. A esse respeito, a separação entre o ideal e a vida, entre o ideal e a experiência humana, que pressupõe o autoconhecimento e o fato de assumir as próprias fraquezas, limita as possibilidades de um verdadeiro encontro com Deus e consigo mesmo.

Em relação às fortalezas na vida espiritual dos sacerdotes, podemos destacar alguns pontos:

É muito positivo identificar no clero latino-americano uma sensibilidade especial nas áreas espiritual, humana, cultural, social, econômica e política. *O Reino de Deus tem rosto humano*<sup>13</sup>. Esse tem que ser o objeto fundamental que condensa a energia amorosa sublimada de quem opta pela vocação do celibato. Na ausência do ideal (amor) sublimado, é impossível viver a possibilidade do celibato. A renúncia desviada dos fins sexuais somente poderá ser sustentada se for direcionada a um projeto altamente valorizado.

Esse projeto tem muito de aventura. E, *como em toda aventura, supõe coisas muito sublimes e também riscos*<sup>14</sup>. É uma aventura abnegada e importante. É importante que a pessoa que opta por esse chamado tenha os recursos espirituais, psíquicos e sócio-institucionais para embarcar na aventura. Encontramos na espiritualidade o caminho de transformação concreta e construção do Reino de Deus: *“Pelos frutos os conhecereis”*. O Reino de Deus está inserido no espaço temporal e histórico. A paixão pelo Reino não deve ser narcisista. O Reino de Deus tem rosto humano<sup>15</sup>: do cego de nascença, da prostituta, da viúva, do leproso, do enfermo impotente. O Reino de Deus tem rosto de tudo que se exclui socialmente:

<sup>13</sup> MORANO, C. D. La aventura del celibato evangélico. Gasteiz/Vitória: Frontera \_ Hegian. 2004.

<sup>14</sup> MORANO, Op. cit. 2004.

<sup>15</sup> MORANO, Op. cit. 2004.



crianças de rua, drogados, homossexuais, indígenas, mulheres violentadas, negros, sem terra, sem teto e emigrantes excluídos. O celibatário escolheu identificar-se não com Deus e, sim preferencialmente, com o amor apaixonante ao Reino. Ele escolhe não a virgindade enquanto pureza, ausência de prazer e, sim, o prazer transbordante da ternura, da fertilidade dos relacionamentos geradores de sentido e bem-estar, da arte, da beleza e da arquitetura do Reino de Deus.

### 4.3. Aspectos eclesiológicos e pastorais

Acerca dos aspectos da instituição, do sentido de comunidade eclesial e das características próprias do sacerdócio e da vida dos religiosos, alguns *pontos frágeis* podem ser detectados:

Pode-se observar dentre os padres carências no âmbito da compreensão eclesiológica. Há dificuldades para o entendimento da relação entre o padre e o povo de Deus, o espaço que ocupa o mundo secular, a importância da fraternidade sacerdotal, a relação de paternidade com o bispo ou seu provincial. A compreensão do padre como aquele que tem a responsabilidade de anunciar a presença de Deus pela sua interação com as pessoas, pelos seus gestos, não como exercício de uma carreira, evidencia o sentido eclesial de seu lugar na diocese e na comunidade. Quando não há tal compreensão, é claro o enfraquecimento da vida eclesial.

Em relação à diversidade de orientação e de modelos pastorais, é possível detectar em alguns locais a vigência do modelo tradicional, centrado no padre como figura única e foco da vida pastoral, num cenário carente de planos e da participação dos leigos. Em outros casos, um ponto fraco é o fato de estar-se fixado a um tipo de pastoral, resistente à mudança e à incorporação de métodos ou estratégias provenientes de outros modelos fixados *na obsessão legalista e rigorista*<sup>16</sup>. Em alguns setores, vemos um estilo carismático e emocional, que não aprofunda a vida espiritual. Quando

<sup>16</sup> Op. cit., página 55. Número 120.

a pastoral está muito ligada ao aspecto sacramental, produzem-se vários efeitos deletérios, dentre os quais sobressai o condicionamento ao tributo econômico e tudo que daí advém. É um fracasso pastoral condicionar à vida sacramental à arrecadação financeira.

As diretrizes da Ratio<sup>17</sup> chama atenção sobre o tema dinheiro na vida do seminarista e o presbítero:

“Os seminaristas deverão receber uma formação cuidadosa relativamente `administração dos bens, a gerir segundo as normas canônicas, com sobriedade, desapego e transparência moral, mas também com específica competência”.

As dinâmicas inconscientes da vida eclesial continuam impactando diretamente a manifestação da vida da Igreja. Com efeito, na ausência de uma análise da transferência inconsciente, envolvendo conflitos não resolvidos e projetados na fraternidade sacerdotal ou nas figuras de autoridade eclesial, geram-se grandes problemas. A tendência a não resolver conflitos e desconfianças, mas a mantê-los para satisfazer aspectos inconscientes, produz dano à vida eclesial. A crise de autoridade que se verifica na sociedade atinge também a igreja, especialmente na figura do bispo ou provincial. Essa crise é percebida por todos e resulta da dificuldade de exercer a autoridade e a paternidade no campo eclesial e espiritual de seus filhos espirituais. Sinal disso é certa tensão entre a experiência de bispo/provincial juiz e a figura do pai que acolhe. Alguns bispos/provinciais inseguros aplicam um autoritarismo anacrônico para se defender. Consequentemente, a responsabilidade dos sacerdotes para com o bispo/provincial fica ofuscada, bem como a fraternidade para acompanhar e apoiar a autoridade. As expectativas do clero estão focadas mais em receber ou esperar do que em oferecer e contribuir. Graves traços infantis permeiam essas relações.

Em termos do inconsciente, são feitas transferências emocionais ao bispo/provincial na linha da idealização: presume-se que

<sup>17</sup> Op. cit., página 75. Número 180.



seja infalível, que não erre, e a verificação do contrário se transforma em desapontamento e em sentimento de decepção e abandono. Muitas vezes, as autoridades não conduzem de forma adequada, as transferências agressivas ou idealizadas de alguns sacerdotes e podem, eventualmente, incentivá-las.

É frequente presbíteros com sérios problemas de autoridade devido as dificuldades no período de formação. Há bispos desatentos a essas dificuldades e sobre isso a Ratio<sup>18</sup> salienta que:

“O Bispo deve prestar diligente atenção para não exercer a própria autoridade de maneira a desautorizar o Reitor e os demais formadores no discernimento da vocação dos candidatos e da sua oportuna preparação; espera-se que ‘com os responsáveis do Seminário, mantenha o Bispo frequentes contatos pessoais, como sinal de confiança, para os animar em seu trabalho e fazer com que entre eles reine um espírito de total harmonia, de comunhão e colaboração”.

Entre os neopresbíteros nota-se a frustração do ideal que tinham do exercício do sacerdócio, que se manifesta no confronto entre o proposto na formação e a realidade concreta. Daí as frequentes desistências no meio presbiteral. A dificuldade de alguns padres jovens para viver o ministério de forma gratificante baseia-se na incapacidade de estabelecer um forte vínculo entre eles, o clero e a autoridade.

Uma fraqueza menor, mas que ainda é problemática em muitas áreas é o lugar marginal e periférico que ainda ocupam os leigos na vida eclesial. O papel dos leigos na animação da Igreja é fundamental para realizar o plano de Deus e comunicar a mensagem de Jesus às famílias e comunidades. Colocar os leigos em uma posição de dependência, submissão e subordinação, bem como não empoderá-los em postos de ação e autoridade, pode resultar em sérias dificuldades para o futuro da Igreja.

<sup>18</sup> Op. cit., página 58. Número 128.

Sobre a colaboração dos leigos, o documento da Ratio é inovador e amplia a equipe de formadores, não somente com o bispo, reitores, presbíteros, mas, com leigos: professores, especialistas (médico, psicólogo, pedagogo), familiares e agentes de pastoral vinculados aos candidatos<sup>19</sup>.

Finalmente, cabe refletir sobre a possível distância entre as novas gerações e o Concílio Vaticano II em termos eclesiológicos.

Acerca do que destacam-se alguns pontos fortes, podemos registrar os seguintes aspectos:

Em primeiro lugar, o amor pela Igreja. A fé e a caridade que muitos padres manifestam são pilares essenciais da solidez eclesial. Além disso, os últimos papas têm fortalecido as virtudes teológicas (esperança, fé e amor) na Igreja universal.

Em segundo lugar, a procura sistemática e a aplicação de um modelo de Igreja que responda aos desafios do mundo atual. Isso se expressa na consciência que tem o clero da necessidade de se manter em sintonia com os dilemas da cultura contemporânea, não somente no que se refere ao diálogo com os leigos, mas à compressão da própria humanidade. Ao mesmo tempo, tais dinâmicas instalam o imperativo da renovação. Tanto nessa lógica como em termos mais eclesiais, os padres tendem a valorizar a coesão e a unidade existentes nas dioceses.

Há sinais claros de recuperação da pequena comunidade, de seu sentido de núcleo matriz para partilhar a vida em Cristo e combater o isolamento e a solidão atual (Foranias, Setor, Zonal). Essa dimensão, valorizada pelos leigos, também ecoa dentro do clero. De fato, em muitas dioceses é evidente que o sentido da pastoral presbiteral é cada vez maior e constata-se uma maior e mais clara consciência de fraternidade sacerdotal. Nesse sentido, são apreciadas várias pesquisas e experiências.

<sup>19</sup> Vale a pena ler o tema sobre Comunidade dos Formadores, especificamente, dos números 132 a 150.



A Igreja está incluindo mais os leigos e de melhor maneira, tanto nos espaços profissionais, onde poderão aplicar suas próprias competências, como na participação e construção da vida cotidiana da paróquia; em alguns casos, a formação é favorecida em suas respectivas paróquias.

O uso de novas tecnologias é também um ponto forte da nova Ratio<sup>20</sup>, a este respeito, a utilização dos meios de comunicação e a aproximação ao mundo digital tornam-se geradores de oportunidades para trabalhar temas pastorais, uma vez que oferece acesso a grande quantidade de informações e facilita o uso das redes sociais para divulgação das atividades eclesiais e missionárias. A Igreja, olha com confiança as possibilidades oferecidas pela realidade digital à evangelização, trata-se de novos lugares, novos “*Pátios dos Gentios*”, “*Novos Areópagos*”, “*Novas Periferias Urbanas*”.

Em alguns lugares, o surgimento decidido de planos diocesanos de pastoral, na busca e experimentação de renovação, reorienta e revive a importância de uma pastoral que seja coerente e sinérgica com os processos da diocese. Da mesma forma, a valorização que demonstra o clero pelo crescimento das assembleias e conselhos diocesanos estimula o desenvolvimento da vida eclesial no seu conjunto.

Finalmente, o *Documento de Aparecida* fez uma síntese regional de enorme impacto sobre as conferências dos bispos e dioceses, com o objetivo de estimular sinais de mudança e a motivação do clero por uma nova orientação em sintonia com os novos tempos.

#### **4.4. Aspectos psíquicos e afetivos, familiares e sexuais**

O Documento da Ratio dedica longas páginas de reflexão sobre a dimensão humano-afetiva. As diretrizes chamam atenção que o Seminário não é um mero prédio, burocrático e frio. Mas, antes de tudo é uma comunidade de formação. Os elementos psicológicos no âmbito da afetividade são muito importantes para a pessoa do seminarista e do padre, bem como ponto fundamental da formação.

<sup>20</sup> Op. cit., página 46. Número 97.



A Igreja tem como dever e direito de zelar pelo processo de educação dos seminaristas, como, também de estabelecer critérios de admissão e a demissão dos candidatos. Cabe, evidentemente, o candidato conhecer e discernir tais critérios visando a sua escolha livre e responsável ao ministério presbiteral. Algumas questões são importantes a serem observados durante o processo de formação do candidatado.

No campo da afetividade, são apreciados diferentes questões que podem tornar-se problemáticas: alguns seminaristas/padres desenvolvem relações interpessoais inapropriadas entre pares, criando uma co-dependência ou proximidade exagerada, o que limita a liberdade pessoal e é confundida com a saudável amizade sacerdotal ou a fraternidade. Essa tendência está relacionada a um baixo conceito de si (autoestima baixa) e a problemas na esfera da autonomia.

As dificuldades de estabelecer limites nos relacionamentos também aparecem com leigos particulares ou com famílias de leigos que, por vezes, “adotam” o seminarista ou o padre, fazendo-o sentir-se mais confortável nesse espaço superprotetor do que no presbitério. Há uma produção de eternas madrinhas na vida do seminarista ou padre com tonalidade maternal e de apoio financeiro. Na contramão da fraternidade presbiteral vários optam pelo isolamento e a solidão, impedidos de compartilhar a própria vida com os irmãos na fé.

No campo da saúde, acontecem certos problemas tais como a dificuldade de organizar e distribuir o tempo de trabalho, descanso e oração. Observa-se que os padres tendem a negligenciar necessidades de repouso e férias. O descuido e a desatenção para com o corpo, o tempo e a qualidade do sono, a alimentação e a saúde física e mental são um desafio para os seminaristas, padres e a pastoral presbiteral. O documento chama atenção sobre casos de alcoolismo de pais de seminaristas e padres<sup>21</sup> e, como consequência de problemas psicossociais advindos dessas realidades.

<sup>21</sup> Op. cit., página 80. Número 190.



Em relação às famílias de origem de grande parte dos seminaristas e do clero, observa-se baixa escolaridade dos pais, empregos pouco qualificados e uma vida em contextos de pobreza ou de nível socioeconômico mais baixo. Cresce o número de familiares onde há ausência do pai, produzindo um tipo de orfandade paterna que poderá substituída de forma exagerada pela figura da autoridade do bispo ou do provincial.

Há casos de famílias onde está presente a violência doméstica, incluindo experiências de abuso físico, sexual ou psicológico. Em geral, os candidatos não têm a oportunidade de fazer uma boa elaboração de suas relações familiares e dos pais interiores. Nesse sentido, o trabalho de análise da família de origem e da experiência com a figura materna e paterna é uma fonte inesgotável de desenvolvimento psíquico e espiritual. Nesse contexto a Ratio<sup>22</sup> exorta a proteção dos menores e o acompanhamento das vítimas, sobretudo, para aqueles que pedem a admissão a um Seminário ou que já apresentaram o pedido para receber as Ordens.

O campo da sexualidade apresenta ainda importantes problemas. No geral, se detecta um escasso conhecimento das fontes e modos de excitação sexual e, conseqüentemente, do desejo sexual, que aparece reprimido ou negado. Muitas vezes não são entendidos os sintomas e manifestações da sexualidade em relação à história pessoal e aos vestígios que ela deixou. Há candidatos que têm uma visão da sexualidade redutiva e privada de sua dignidade, pois veem-na como um prazer egoísta dissociado da própria vida afetiva. Nestes casos, é detectada dificuldade para viver a castidade como virtude e valor. Como modo de compensação, podem surgir relações com mulheres viúvas ou separadas que adquirem um caráter de amizade sem limites. Na relação com mulheres casadas, a possibilidade de conflitos é maior. Em situações de homossexualidade encoberta ou reprimida são estabelecidas relações ambíguas entre padres e jovens em contextos paroquiais que, frequentemente adotam características disfarçadas de lobby gay. Em ambas situações,

<sup>22</sup> Op. cit., página, 84. Número 202.

tanto a heterossexualidade, como homossexualidade, trata-se de luxúria. A luxúria é uma compulsão desenfreada do prazer sexual. Na luxúria, a sexualidade do sujeito abarca a personalidade inteira e transforma-se num vício desordenado próprio de uma realidade que perdeu a sua finalidade. É um amor exagerado de si mesmo, por tanto, um distúrbio narcisista e de poder, a vaidade. A luxúria é uma espécie de corrupção e de perversão. No corrupto e no perverso, o componente sexual não é, de maneira nenhuma, a dominante, mas está em primeiro lugar a questão do poder, do domínio, da violência, do descontrole e da busca narcisista de reconhecimento.

Sobre a vocação de candidatos que têm orientação homossexual, o Papa Francisco já se manifestou claramente: *“quem sou eu para a julgar?”*, disse Francisco. Nessa mesma entrevista, posicionou-se explicitamente contrário a qualquer tipo de lobby dentro da instituição da Igreja: sexual, econômico, ganancioso, político, maçom, etc. Todo lobby é intrinsecamente perverso. No amplo da sexualidade é luxúria. Por tanto, todo lobby é uma manifestação descontrolada do distúrbio de poder e narcisista. Nas palavras de Francisco<sup>23</sup>:

“Escreve-se muito sobre o lobby gay. Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade no Vaticano dizendo que é «gay». Dizem que há. Eu acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim, deve distinguir entre o fato de que uma pessoa seja gay e o fato de formar lobby. Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? O Catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem, dizendo –esperem um pouco... como diz... -: «Não se devem marginalizar estas pessoas por isso, devem ser integradas na sociedade». O problema não é ter essa tendência, não; devemos ser irmãos, porque este é apenas um; mas se há mais outro... O problema é fazer lobby dessa tendência: lobby de gananciosos, lobby de políticos, lobby dos maçons, tantas lobby. A meu ver, este é o problema mais grave”.

<sup>23</sup> Papa Francisco, em entrevista aos jornalistas no avião, de volta da Jornada da Juventude, do Rio de Janeiro à Roma, julho de 2013.



Quanto ao tema de escassez de vocações, observa-se redução significativa de candidatos em várias dioceses e, sobretudo, na Vida Religiosa Consagrada. A que se deve a diminuição de vocações atuais? Ela pode dizer respeito a vários aspectos, muitos deles fundamentais para a vida da Igreja e da congregação. Eis adiante alguns pontos:

A questão das vocações tem causas externas: a sociedade cada vez mais laica e às vezes anticlerical, a cultura relativista, o número de filhos reduzidos. Houve também perda de *status* social, que tem levado as famílias a desestimular seus filhos a ingressarem na vida religiosa ou diocesana. Muitos pais têm vergonha quando percebem que seus filhos escolheram o seguimento de Jesus Cristo.

Além das causas externas, há também as internas. Hoje, muitos padres têm vergonha de revelar aos jovens a opção pela vida presbiteral. Esquecem que quase todos tiveram uma forte identificação com seus párocos. Há receio de que pessoas estranhas percebam os conflitos da vida fraterna presbiteral. A vida entre os padres é muito fechada e restringe a convivência com pessoas não pertencentes ao clero. A maioria dos presbíteros está mais atrás do altar, dentro da sacristia, nos escritórios de colégios ou conversando com gente muito importante da sociedade. Não estão convivendo com jovens em outros “pátios fora do recinto” da Igreja.

Geralmente, os padres não se sentem preparados para conviver com os jovens à noite ou em lugares não institucionalizados. Quando fazem isso, provocam suspeitas dos colegas e dos leigos mais fechados. Assim, se obrigam a estar sempre em lugares onde todos os veem, cuidando da parte burocrática e de administração da paróquia. Parece que os padres não estão angustiados o suficiente com a redução das vocações a ponto de se mobilizarem para contribuir com as vocações. Dizem: *Isso não é problema meu. É problema dos bispos ou coordenadores da pastoral vocacional.* Parece que, falta uma maior realização com a vida presbiteral ou religiosa. Um sentir-se mais feliz e apaixonado pela escolha. Ou, será que não acreditam suficientemente em Deus a ponto de produzir entusiasmo em alguém?

Parece que a experiência presbiteral não convence, não atrai, não chama atenção, não é desafiante e profética. Muitos jovens candidatos detestam a mesmice e a institucionalização de sonhos e utopias. Antigamente, os vocacionados estavam próximos e se identificavam com algum pároco, vigário ou religioso que os desafiavam. Há um enfraquecimento de modelo de identificação de padres com os jovens, sobretudo, enquanto referência intelectual, perspectiva de fé, engajamento em causas sociais e humanas. Por outro lado, como estão cada vez mais ausentes essas referências, esse lugar tem sido ocupado por sacerdotes midiáticos ou com forte traços dogmáticos e traje clerical. Aumenta o número de jovens adeptos de comunidades de vida. Nesses territórios, os jovens buscam segurança psíquica e econômica, certeza de fé, estabilidade frente à sofrida vulnerabilidade dos tempos pós-modernos. No Brasil, na vida política partidária, já são mais de três milhões de seguidores jovens dos deputados Jair Bolsonaro, Celso Russomano e o Pastor Marco Feliciano pertencentes as Igrejas Evangélicas. Em ambos espaços, da Igreja e da política partidária, revestem-se de caráter integrista em busca do fundamento sólido, integro e sem pactos de convivência.

Por outro lado, Papa Francisco adverte<sup>24</sup>:

“Onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas. Mesmo em paróquias onde os sacerdotes não são muito disponíveis, nem alegres, é a vida fraterna e fervorosa da comunidade que desperta o desejo de se consagrar inteiramente a Deus e à evangelização”.

Entre os padres, *os pontos fortes* identificados em termos psico-afetivos são os:

Grande interesse pela formação humana e pelo conhecimento sobre temas da afetividade. A vontade de procurar ajuda espiritual e psicológica é maior do que no passado e está relacionada ao reconhecimento da realidade em dimensões que precisam ser

<sup>24</sup> Op. cit., página 13. Número 15.



revistas e aprofundadas. Muitos padres querem conhecer melhor seus problemas e dificuldades para alcançar sua superação.

A introdução gradual de equipes de ciências humanas, sobretudo, de mulheres, na formação inicial e permanente é promissora, embora ainda incipiente. O valor dado à psicoterapia, por bispos e encarregados da pastoral presbiteral, tem implicações importantes para os processos de elaboração dos conflitos afetivos.

Na área da sexualidade, o valor do dom do celibato motiva muitos padres a aprofundarem sua vida afetiva, na biografia pessoal e escuta de própria sexualidade. Os escândalos que ocorreram na Igreja envolvendo abuso sexual tiveram um efeito positivo ao ampliarem a percepção da necessidade de autoconhecimento como oportunidade de crescimento. Tais situações levaram à dessacralização dos padres e a um renovado interesse pelos temas da afetividade e da sexualidade, pelo conhecimento da origem destes atos e o desejo de pesquisar o campo das perversões ou parafilias.

Os problemas que ocorrem na área da afetividade não são apenas sintomas individuais. As pessoas também manifestam sintomas como expressão de uma organização institucional que os facilita, e até mesmo os provoca. Quando existem dioceses que estão em crise ou têm dificuldades no relacionamento com os bispos, essa situação pode se manifestar na área psicológica em membros do seminário e do clero. O Seminário constitui-se numa verdadeira caixa de ressonância da diocese. É de extrema importância, então, identificar a origem desses desconfortos.

Finalmente, a presença de leigos e mulheres nos seminários tem facilitado a socialização dos seminaristas, especialmente daqueles que são mais tímidos, os que apresentam dificuldades nas relações interpessoais e no acolhimento da orientação sexual.

## 5. A GUIA DE CONCLUSÃO

O debate entre Frei Clodovis e Frei Prudente desencadeou um longo processo de análise e de questionamento sobre a formação

presbiteral na Igreja e na Vida Religiosa Consagrada e o Documento da Nova Ratio Fundamentalís só vem confirmar a importância do processo de formação dos futuros presbíteros. A crítica dos dois teólogos e as recomendações da Ratio salientam que o entendimento da atividade pedagógica é interminável. Pois, são atitudes demasiadamente ideais e, por isso, jamais alcançadas. Graças a Deus! Cada candidato, enquanto, ser humano necessita cotidianamente de se educar e se autogovernar. 'Jamais termina seu caminhar'.

Outro aspecto do Documento da Ratio é que o ato de educar – a formação – não ocorre entre duas pessoas em posições assimétricas. A tarefa da educação é sublime e exige uma relação transfereencial amorosa entre os formadores (Bispo, Reitor e Leigos) e educando, seminaristas e padres. É abominável a existência de agentes ativos que controlam ou governam o outro, passivo e assujeitado.

Todo projeto de formação presbiteral tem pontos intersticiais lisos, um impossível que escapa a qualquer dispositivo moral, disciplinar, rígido e fixo. *A formação presbiteral ou religiosa* é também uma tarefa da ordem do impossível, da contradição e do puro devir. São atividades travessas, extraordinárias e incrivelmente do mistério, da ação do Espírito Santo. Sua ação deve ser pautada na criatividade e na experiência da maturidade, concomitantemente, desconstrói e constrói de forma irrepetível as atitudes éticas. Ou, como Papa Francisco sinalizou a importância de deixar-nos guiar, livre e criativamente, pela ação do Espírito Santo<sup>25</sup>:

*A doença da planificação excessiva e do funcionalismo.* Quando o apóstolo planifica tudo minuciosamente e julga que, se fizer uma planificação perfeita, as coisas avançam efetivamente, torna-se um contabilista ou comercialista. É necessário preparar tudo bem, mas sem nunca cair na tentação de querer conter e pilotar a liberdade do Espírito Santo, que sempre permanece maior e mais generosa do que toda a planificação humana (cf. Jo 3, 8). Cai-se nesta doença,

<sup>25</sup> Pronunciamento do Papa Francisco aos prelados da Cúria Romana, dia 23 de dezembro de 2014, no Vaticano.



porque «é sempre mais fácil e confortável acomodar-se nas próprias posições estáticas e inalteradas. Na realidade, a Igreja mostra-se fiel ao Espírito Santo na medida em que põe de lado a pretensão de O regular e domesticar – domesticar o Espírito Santo! – (...) Ele é frescor, criatividade, novidade».

Frente a essas reflexões gostaríamos de externar algumas análises intermináveis.

### **1ª Proposição: crise da instituição**

Antigamente, a vida presbiteral/religiosa caracterizava-se pela rígida vivência clerical, marcada, sobretudo por seu caráter instituído. Tempo de instituições fortes. Regras variadas mostravam que o acento estava na autoridade, centralizada na figura de “Deus Centralizador”, que garantia a proteção e a segurança, como moeda de troca da obediência silenciosa. Nessa realidade, as questões conflitivas sobre a vida presbiteral, por exemplo, o celibato, eram abafadas e até mesmo dispensáveis, uma vez que o objetivo comum da afetividade ou união fraterna, perdia lugar para a obediência cega e passiva ao bispo, o reitor, formador ou provincial que representavam a figura de Deus Pai.

Não se esperava das dioceses ou congregações qualquer tipo de criação que ultrapassasse seus deveres tradicionais e seculares de presbíteros, religiosos, ligados à espiritualidade individual e solitária. A monarquia e a hierarquia da Igreja ocupavam o lugar de Deus, com fortes fundamentações teológicas. A soberania eclesástica não se fundava na relação fraterna ou afetiva com os membros dos seminaristas e do presbitério. Atribuía-se a maior relevância ao Direito Canônico, à lei, às normas, às regras, aos ritos e rubricas.

A partir do século XVIII, a modernidade ocidental gradativamente implicou a morte de Deus, isso quer dizer que a condição do poder social deslocou-se para o Estado-Nação. A secularização do poder foi instituída. Com o Iluminismo, a modernidade trouxe o esgotamento dos modelos institucionais tão fortemente centralizados na figura imaginária de Deus Pai centralizador, dando lugar



a uma nova forma de vida, pautada na razão, no contrato, na argumentação, na democracia, nos direitos humanos e no poder do Estado. Era o tempo de controle disciplinar, realizado, nas diversas instituições, pela figura da autoridade presencial: pais, professores, agentes do governo, polícia, médicos, bispos, padres e pastores.

## **2ª Proposição: crise da autoridade**

Hoje, um dos efeitos da pós-modernidade é a diminuição do lugar da autoridade central e também dos caminhos tradicionais mitificados. É o tempo da descentralidade do poder, do saber e da ressignificação das utopias. Afinal de contas, o que significa dizer que o poder foi contemporaneamente descentralizado e marcado pela pluralidade e por micropoderes? Isso quer dizer que o poder não se localiza apenas no espaço de Deus ou do Estado, mas está em múltiplos espaços e em diferentes expressões. A mesma coisa ocorreu com o saber e as novas utopias ativas.

As pessoas adultas ou mais vividas são reconhecidas pelo poder que lhes concede a idade, o saber ou a experiência de desejar; cada etnia tem a sua forma de expressar, viver e administrar o poder; as mulheres exercem o poder de maneira diversa dos homens; os crentes exercem o poder sobre os seus bispos e pastores; presbíteros questionam o celibato obrigatório e aprofundam os princípios do celibato como carisma e dom; convive-se, ainda com o poder da orientação humano-afetiva, política e social. Isso ultrapassa em muito a luta de poder dos antigos movimentos sociais voltados apenas para interesses particulares de grupos, que se centravam principalmente em reivindicações trabalhistas ou econômicas.

O registro da subjetividade, quanto à maneira de viver o poder e a autoridade, foi radicalmente transformado pelo conjunto desses processos históricos. No entanto, as novas formas de subjetivação sobre a autoridade são experimentadas, mas intercruzam-se com as antigas. Não podemos ler esse fenômeno com a lente evolucionista e sim, de forma ambivalente e processual. Os modelos de autoridade continuam um grande dilema: afinal, o que terminou,



o que ainda continua e o que é mesmo a grande novidade do que chegou? Eis o enigma para a formação presbiteral!

### 3ª Proposição: da fragmentação a alteridade

A diminuição da referência de autoridade eclesiástica em torno de Deus-Pai e do modelo de autoridade centrado no Estado-Nação de instituições fortes, provocou o efeito da perda de referências tradicionais e do suporte de autoridade sobre o qual se realizava a ordenação da subjetividade dos sujeitos e seus grupos e organizações.

Porém, na contramão, uma tendência, aparentemente oposta mas igualmente condicionada pela cultura dominante, é a conduta que encontra sua expressão radical no prazer da “desobediência” (*leia-se indiferença*)<sup>26</sup>. O conceito é aqui apresentado sem conotação moralista, mas para apontar que esse caminho revela um comportamento meramente de fragmentação e carece de componentes éticos e de alteridade.

Trata-se de uma “desobediência cínica”. A conduta “desobediência” aparta o sujeito do institucional. Produz uma subjetividade atomizada, de um mundo a parte, sem o menor contato afetivo com o outro, uma obstrução para evitar o conflito. É lógico, que não estamos analisando a “desobediência civil” e sim, uma crise de autoridade, de valores humanos, éticos e da dimensão da alteridade. De uma pessoa fragilizada, preocupada unicamente em construir o próprio mundo, já que tudo fora dele perdeu sentido.

### 4ª Proposição: novas gerações

É preocupante o conflito entre as novas gerações no presbitério ou na Vida Religiosa Consagrada. São inúmeros os fatores que podem dificultar ou facilitar essa problemática. Além dos fatores inerentes ao processo de envelhecer, há uma outra questão trazida

<sup>26</sup> Ver Exortação Apostólica: *Evangelii gaudium*, 2013.

com a chegada de vários jovens para conviver com os mais antigos. Os padres mais antigos, mais experientes, presenciaram uma história de proibições e formas autoritárias dentro da Igreja e também fora, por exemplo, durante regime civil-militar no Brasil e outros países da América Latina. Para a geração mais nova, o que fica é o legado desses padres e a experiência que eles têm para transmitir: vida austera econômica, celebrações ritualizadas, experiência entre a rígida hierarquia e os subordinados, uso de batina e moradias precárias. Na prática, para esses novos, a história é outra: entraram na Igreja em uma época de abertura política, facilitações nas relações interpessoais e flexibilização de valores, superações econômicas de cômputo, relativamente, adequadas, não conhecendo a fundo as experiências vividas pela geração passada. Para os mais novos, no entanto, essas transformações nem sempre são bem compreendidas. Por isso, é indispensável um diálogo. Na ausência desse diálogo, corre-se o risco de formar gerações fragmentadas, sem memória histórica, dominadas pelo presentismo.

Quanto à problemática da fidelidade, sentimento de pertença, vínculos duradouros, há uma nova geração de seminaristas, padres e religiosos ingressando na Igreja. O que mudou? Mudou, principalmente, o paradigma de instituição na sociedade. A geração passada era educada no sentido de que a vida presbiteral era um dever em primeiro lugar – depois o prazer – isto é, a satisfação ou realização pessoal. Eram pessoas de caráter firme, construído com vínculos bussolados e estáveis de lealdade, confiança e fidelidade à instituição.

Mas faltava aos antigos presbíteros uma visão mais ampla de um futuro diferente ou mesmo habilidades e conhecimento de como alterar a rotina. O trabalho rotineiro pode desgastar a pessoa, mas, em contrapartida, protege-a. Segurança em primeiro lugar, depois, a liberdade. Pode trazer marcas, entretanto, organiza a interioridade das pessoas. Imaginar uma vida sem qualquer referência de valores, sem ascese e hábitos emancipatórios, é viver, na verdade, na plenitude do risco e à deriva. Conduta flexível é ser tolerante a diferentes situações, mas sem quebrar ou fragmentar-se por elas.



Hoje, busca-se, antes de tudo, a realização pessoal no desenvolvimento da experiência religiosa e diocesana. A priori, isso não é um mal. Desde que seja conectada com o carisma e a vida comum do presbitério. Entretanto, o que importa tanto não é a fidelidade à Igreja ou a doação à causa da instituição. Mudaram a regra do jogo das instituições e o modo de fazer as coisas. Assim, valoriza-se mais o flexível, o instantâneo, anseia-se viver o momento presente, com poucas perspectivas a longo prazo. Mudou o leme, primeiro a liberdade, e, depois a segurança. Vive-se desbussolado. Os seminaristas e os novos padres têm dificuldades com a dimensão autoreflexiva, a consciência de si e do outro, e, as histórias de lutas. Torna-se angustiante a escuta silenciosa de si mesmo, a dimensão histórica de classe, o estudo e o recolhimento no silêncio apaziguador. Desconhecem a fecundidade da solidão. O que se vê é que a sociedade contemporânea pode estar produzindo sujeitos infantis, na medida em que tudo deve ser concedido logo, imediatamente, sem elaboração do tempo de espera. É o imperativo do consumir e do devorar.

A geração antiga dos padres aprendeu, com a hierarquia da Diocese/Congregação, a aguardar com paciência o reconhecimento pelo trabalho pastoral, pela promoção e a contribuição pessoal financeira. Quando isso não acontecia, era motivo de mágoa, mas, geralmente, não se manifestavam os sentimentos contrários, a não ser pela dimensão da correção fraterna. O clima era muito repressor e regado a obediência. A geração dos mais jovens vivencia uma comunicação real e virtual mais solta e simultânea. Participa de uma cultura de reivindicação e dos direitos humanos na sociedade. Portanto, as reivindicações são mais rápidas, abrangentes, dialogadas e por meio de acordos ou mesmo de oposicionismo.

As instituições eclesiais vivem um dilema geracional com seus participantes. Como decidir o que tem valor duradouro para os diferentes seminaristas e padres em uma sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato, no presentismo, numa subjetividade líquida? Como se pode buscar metas de planejamento de longo prazo num grupo de presbíteros dedicado, mas que desejam resultados mais rápidos, a curto prazo? Diante dessas transformações culturais, como se pode construir um Seminário e

um presbitério com relações afetivas solidárias e com maior grau de pertencimento?

Estamos falando, em resumo, da necessidade de convivência entre tradição e novidade. Os padres mais velhos viveram de perto a implementação da diocese, guardando memórias relacionadas ao progresso do grupo, suas dificuldades e seus temores ao longo da história. Auxiliaram na construção de igrejas, salões paroquiais, prédios e de outros patrimônios físicos, culturais e missionários. Identificam-se, em sua maioria, ao estilo da religiosidade popular de fazer a vida da Igreja, caracterizado como mais austero, mais apegado às normas e mais formal.

Os mais novos, por sua vez, imprimem ao grupo o jeito contemporâneo e mais flexível de fazer a diocese/congregação, afastando-se um pouco das identificações tradicionais e de funções nas grandes obras. Por esse motivo, e, pelo que é comum à juventude, são vistos e veem-se como mais descontraídos, menos atrelados a leis formais, mais dispostos a mudanças. Preferem ações missionárias menos vinculadas à institucionalização, distantes de formas hierarquizadas tradicionais.

Como conciliar o antigo e o novo? Como fazer coexistir marcas de um tempo histórico que era caracterizado por raízes arraigadas e pelo adiamento das satisfações em prol do coletivo com o momento atual, acelerado, império do imediatismo e também de relações mais horizontais? A diferença de idade que vemos entre os seminaristas e padres acentua a dificuldade de convivência que é marca registrada dos modos de vida contemporâneos, que convocam a *fragmentação*, a realização pessoal e o enfraquecimento da vida coletiva pelos inúmeros apelos urbanos.

### **5ª Proposição: declínio da razão, das utopias e a cratera do vazio**

Afloram os questionamentos entre o certo e o errado; entre os valores aprendidos e os vividos, enfim abriu-se um abismo no interior dos sujeitos, onde a angústia e a ansiedade acham guarida. Faz-se também uma orfandade coletiva, que tem conduzido a uma reevangelização de cultos carismáticos, exorcismos do mal, con-



sumo abusivo de remédios, drogas, álcool e práticas de autoajuda. Particularmente, o neopentecostalismo, católico e evangélico, ajudaram a elaborar três grandes “*religiosidades*” do século XX para o século XXI: a autoajuda, o empreendedorismo e a teologia da prosperidade ou teologia do Coaching. Além da desorientação psíquica generalizada, percebe-se também um aumento de quadros depressivos, que tem a ver com esta questão da desorientação e do vazio, onde parece que já não existem projetos pastorais e sociais coletivos ou projetos direcionados para o Reino de Deus, senão os projetos de realização individual centrados no puro império do prazer.

É muito provável que Jesus, a quem os presbíteros entregaram um dia as suas vidas com generosidade – deixando tudo – tenha cedido a sua centralidade na vida de muitos deles, compartilhando a sua soberania com outros ídolos não confessados, mas realmente adorados, como a liberdade absoluta e cínica, o aburguesamento existencial, o dinheiro e o poder eclesial.

O momento contemporâneo indica uma encruzilhada fundamental para as instituições, sobretudo, da Igreja. Hoje em dia, os bispos, padres e cristãos não encontram, apenas, tão fortemente o poder de Deus para apaziguar os conflitos de autoridade, da afetividade/sexualidade, do desempenho pastoral e da opção pelo celibato.

As instituições estão fragilizadas e as autoridades estão inseguras pelo quadro pós-moderno e muitos escolheram abandonar o barco à deriva. A ausência da autoridade gera abandono. Até onde teremos de recuar no tempo para encontrar a Instituição ideal com a qual comparamos as nossas?

O vazio da autoridade, a ausência de utopias, a falta de referências acentuam e aprofundam cada vez mais o desalento. O desamparo só faz aumentar ainda mais a busca desenfreada de compulsões: a pessoas, a objetos de consumo, ao tráfico de drogas lícitas (remédios) e ilícitas (cocaína, *crack*), ao sexismo compulsivo pela Internet, à pornografia, à vigorexia nas academias. Até Deus também pode se transformar em uma droga.

## 6ª Proposição: o sentido dos votos

Os votos de obediência (o poder), pobreza (o dinheiro) e castidade (o prazer) clamam por resignificação. A opção pelo celibato entrou em crise? Diria que sim e não. Considero os tempos atuais muito difíceis não somente para a opção pelo celibato, mas, para pensar, filosofar, amar e vivenciar várias condutas humanas políticas e éticas. Alguns teólogos, presbíteros e leigos defendem a tese da opção de padres celibatários e casados. São inúmeros os argumentos. O maior deles é a tensão entre o instituído e o instituinte, ou seja, entre a lei e o carisma. O primeiro é sustentado apenas pela disciplina e muitas vezes pela repressão e o recalque. O segundo é regido pela renúncia, com a finalidade de amar e de realizar-se na direção do Reino de Deus. Quando minimamente não ocorre desse processo de sublimação os padres, inconsciente e ou conscientemente tentem a buscar vários tipos de compensação, algumas delas simples e até normais, outras, porém, muitas vezes graves, destrutivas para si mesmo e que atingem a causa do Reino de Deus<sup>27</sup>.

É lógico que a experiência de solidão do celibatário se redobra, por causa da dimensão de carência que constitui os seres humanos. Em qualquer tipo de relação, matrimonial ou celibatária, há que se assumir a distância e a diferença entre eu e outro, mas, o celibato renuncia por completo a uma importante opção de exclusividade, mas, jamais da amizade.

Duas questões são relevantes a esse respeito: a primeira é que essa renúncia pode desembocar em sentimento de superioridade<sup>28</sup> ou orgulho religioso, onde a renúncia dos sentidos tende a desenvolver numa certa presunção narcísica que não é apropriada. O celibatário, normalmente, tem uma espécie de química que atrai, seduz e transmite uma fascinação entre as pessoas.

A segunda, é necessário que se faça uma diferenciação entre o solitário e a experiência de solidão. O solitário tem medo de amar.

<sup>27</sup> MORANO, C. D. La aventura del celibato evangélico. Gasteiz/Vitória: Frontera - Hegian. 2004.

<sup>28</sup> COZZENS, D. *Liberar o celibato*. São Paulo: Loyola, 2008.



Na solidão há amor e fecundidade. Tanto na vocação consagrada, como no matrimônio existe a experiência de solidão e em ambos existe o perigo da desolação e da depressão. Para elaborar a angústia da separação, são necessárias três experiências fundamentais: a mística, a fraternidade presbiteral (afeto) e o engajamento profético e ético à causa do Reino de Deus.

Mudar simplesmente, por decreto, uma conduta, nesse caso, liberar o celibato, não garante a plena transformação das pessoas. O problema do celibato não é ser apenas para *poucos*. Trata-se de observar a *diferença* que esse pouco provoca como transformação da sociedade.

A crise das instituições é mais profunda, principalmente, na Igreja. A mudança além do decreto de liberar ou não, os votos de obediência, pobreza e o celibato, exige transformações estruturais e novas atitudes de fazer as coisas relacionadas ao carisma do fundador Jesus Cristo, a maneira de governar a Igreja, o significado do dinheiro, as atitudes humano-afetivas, do plano de pastoral encarnado no mundo contemporâneo e o compromisso com os marginalizados, rosto de Deus por excelência.

A crise da formação presbiteral de hoje pode ser um sinal de Deus. É um sintoma de uma crise muito mais profunda que exige de todos: bispos, padres e cristãos – o Povo de Deus – começarmos um novo tempo de ser Igreja. Ainda não esgotamos o tanto que temos a dizer; o que tudo isso significa e o que tem que ser feito em cada Diocese, Congregações e a Igreja Universal. É preciso, urgentemente, escutar essa crise!

### **7ª Proposição: o sentido de esperança no Ministério do Papa Francisco**

Papa Francisco vem marcando o mundo. Tem sido um sinal de esperança em Jesus Cristo. Um advento de um novo sujeito resuscitado, um nascer de novo que marca o sentido do que aconteceu a Paulo no caminho para Damasco. Mergulha fundo em novos ideais. Os ideais são uma espécie de inventário daquilo que merece



a estima de uma organização, a IGREJA. Os ideais são como bússolas que orientam a direção dos investimentos de uma coletividade. Com despreendimento e coragem, é necessário abandonar dispositivos disciplinares<sup>29</sup> e de controle, formas de poder vertical, saberes tradicionais atrofiados, e seguir em direção às fontes de origem, ressignificando o passado com atualidades emergentes: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap. 21,5)

Insisto, há um ACONTECIMENTO que ronda, hoje, a Igreja Católica – o Papa Francisco. Chamamos de *acontecimento* a algo que tem a força de colocar situações em movimento. Em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de 24 de novembro de 2013, com seu modo simples de falar, desprovido de elaborações teóricas e alienantes, convoca a Igreja a uma verdadeira conversão pastoral. Superando o comodismo, a Igreja deve se colocar “*em saída*” – “*envolver-se*”, de modo que os evangelizadores contraíam o “*cheiro de ovelha*”, e as ovelhas escutem a sua voz (EG 24).

Igreja em saída: para onde? Corremos o risco de apontar pelo menos cinco, fruto de reflexão desse texto: o mundo globalizado e suas consequências para as famílias, o conflito com imigrantes, o mundo das adições: drogas lícitas e ilícitas, a violência entre nós e as inúmeras formas de fragmentações que vivemos. Tudo isso, tem atingido diretamente a formação dos seminaristas e futuros padres.

E, mais uma vez, me refiro ao contundente apelo do Papa Francisco: “*Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças*” (EG 49). A metáfora de Francisco aponta para as estradas acidentadas e enla-

<sup>29</sup> Foucault (1999, p. 120), ao estudar a disciplina, indica que uma nova microfísica do poder, constituída por técnicas minuciosas, que definem um modo de investimento do corpo, “*emergiu no mundo moderno e espalhou-se por todo o corpo social. A disciplina é uma anatomia política do detalhe: trata-se de pequenas astúcias dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeita, dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandeza*”.



meadas da sociedade pós-moderna, não os caminhos seguros da antiga modernidade, onde o risco de não se ferir e ser condenado é quase nulo.

Numa entrevista concedida à revista dos jesuítas, o Papa Francisco cunhou uma metáfora significativa para falar da Igreja em saída, ou seja, para falar da ação dos discípulos missionários. Afirmou:

“Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar alto. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de tudo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo”.

Para concluirmos esse texto sobre as Vocações ao Ministério Ordenado da Igreja e à Vida Religiosa Consagrada luz da NOVA RATIO, registramos a viagem que o Papa Francisco fez a ilha de Lampedusa, território italiano no Mar Mediterrâneo, para denunciar a globalização da indiferença diante da morte cruel de tantos migrantes, para quem o mar se tornava sepulcro, sem ter quem os chorasse:

“Quem é o responsável por este sangue? Todos e ninguém! Quem é o responsável pelo sangue destes irmãos e irmãs? Ninguém! Todos nós respondemos assim: não sou eu, não tenho nada a ver com isso; serão outros, eu, certamente, não. Mas Deus pergunta a cada um de nós: ‘Onde está o sangue do teu irmão que clama até a mim?’”.

Francisco deu uma pista para a resposta:

“A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório.

Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!”

*Frente a esses sinais de esperança do Papa Francisco, como deve ser a formação dos novos presbíteros?*

## **BIBLIOGRAFÍA**

- CASTILHO PEREIRA, William Cesar. *Sufrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis. O Dom da Vocação Presbiteral*. L'Osservatore Romano - Cidade do Vaticano 8 de dezembro de 2016.
- COZZENS, D. *Liberar o celibato*. São Paulo: Loyola, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. São Paulo: Forense Universitária, 1999.
- FRANCISCO, Papa, em entrevista aos jornalistas no avião, de volta da Jornada da Juventude, do Rio de Janeiro à Roma, julho de 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 2013.
- FRANCISCO, Papa. Pronunciamento do Papa Francisco aos prelados da Cúria Romana, dia 23 de dezembro de 2014, no Vaticano.
- FRANCISCO, Papa. Homilia na primeira missa à Bolívia, em 8 de julho de 2015.
- MORANO, C. D. *La aventura del celibato evangélico*. Gasteiz/Vitória: Frontera Hegian, 2004.